

O Livro dos Espíritos



Filosofia Espiritualista

O Livro dos Espíritos

Contém

PRINCÍPIOS DA DOCTRINA ESPÍRITA

SOBRE A IMORTALIDADE DA ALMA, A NATUREZA DOS ESPÍRITOS E SUAS
RELAÇÕES COM OS HOMENS, AS LEIS MORAIS, A VIDA PRESENTE, A VIDA
FUTURA E O PORVIR DA HUMANIDADE SEGUNDO O ENSINAMENTO DADO
PELOS ESPÍRITOS SUPERIORES COM O AUXÍLIO DE DIVERSOS MÉDIUNS



Recebidos e coordenados por

Allan Kardec

Tradução de Evandro Noleto Bezerra





Copyright © 2006 by

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

2ª edição – 1ª impressão – 10 mil exemplares – 4/2016

ISBN 978-85-69452-83-6

Título do original francês:

Le Livre des esprits

(Paris, 18 de abril de 1857)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

Av. L2 Norte – Q. 603 – Conjunto F (SGAN)

70830-106 – Brasília (DF) – Brasil

www.febeditora.com.br

editorial@febnet.org.br

+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB

Gerência comercial

Tel.: (61) 2101 6168/6177 – comercialfeb@febnet.org.br



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)



K18l Kardec, Allan, 1804–1869

O livro dos espíritos: contém os princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade, segundo o ensinamento dado pelos Espíritos superiores com o auxílio de diversos médiuns: filosofia espiritualista / recebidos e coordenados por Allan Kardec; [tradução de Evandro Noleto Bezerra a partir da 2ª, 4ª, 5ª, 6ª, 10ª e 12ª edições francesas]. – 2. ed. – 1. imp. – Brasília: FEB, 2016.

782 p.; 15 cm

Tradução de: *Le Livre des esprits*

ISBN 978-85-69452-83-6

1. Espiritismo. I. Bezerra, Evandro Noleto, 1949–. II. Federação Espírita Brasileira. III. Título.

CDD 133.9

CDU 133.7

CDE 00.06.01





Sumário

Apresentação	11
Aviso sobre esta nova edição	15
Introdução ao estudo da Doutrina Espírita.....	17
Prolegômenos.....	77

LIVRO PRIMEIRO

Causas primeiras

Capítulo I – Deus.....	85
Deus e o infinito; Provas da existência de Deus; Atributos da Divindade; Panteísmo.	
Capítulo II – Elementos gerais do universo	93
Conhecimento do princípio das coisas; Espírito e matéria; Propriedades da matéria; Espaço universal.	
Capítulo III – Criação.....	103
Formação dos mundos; Formação dos seres vivos;	





Povoamento da Terra. Adão; Diversidade das raças humanas; Pluralidade dos mundos; Considerações e concordâncias bíblicas referentes à Criação.

Capítulo IV – Princípio vital 117

Seres orgânicos e inorgânicos; A vida e a morte; Inteligência e instinto.

LIVRO SEGUNDO

Mundo espiritual ou dos Espíritos

Capítulo I – Espíritos 127

Origem e natureza dos Espíritos; Mundo normal primitivo; Forma e ubiquidade dos Espíritos; Perispírito; Diferentes ordens de Espíritos; Escala espírita; Terceira ordem – Espíritos imperfeitos; Segunda ordem – Espíritos bons; Primeira ordem – Espíritos puros; Progressão dos Espíritos; Anjos e demônios.

Capítulo II – Encarnação dos Espíritos 157

Objetivo da encarnação; A alma; Materialismo.

Capítulo III – Retorno da vida corpórea à vida espiritual 169

A alma após a morte. Sua individualidade. Vida eterna; Separação da alma e do corpo; Perturbação espiritual.

Capítulo IV – Pluralidade das existências 181

Reencarnação; Justiça da reencarnação; Encarnação nos diferentes mundos; Transmigração progressiva; Sorte das crianças depois da morte; Sexos nos Espíritos; Parentesco, filiação; Semelhanças físicas e morais; Ideias inatas.





Capítulo V – Considerações sobre a pluralidade das existências 209

Capítulo VI – Vida espiritual..... 225

Espíritos errantes; Mundos transitórios; Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos; Ensaio teórico sobre a sensação dos Espíritos; Escolha das provas; Relações de além-túmulo; Relações de simpatia e de antipatia entre os Espíritos. Metades eternas; Lembrança da existência corpórea; Comemoração do dia dos mortos. Funerais.

Capítulo VII – Retorno à vida corpórea..... 279

Prelúdios do retorno; União da alma ao corpo. Aborto; Faculdades morais e intelectuais; Influência do organismo; Idiotismo, loucura; Infância; Simpatias e antipatias terrenas; Esquecimento do passado.

Capítulo VIII – Emancipação da alma..... 313

O sono e os sonhos; Visitas espíritas entre pessoas vivas; Transmissão oculta do pensamento; Letargia, catalepsia, mortes aparentes; Sonambulismo; Êxtase; Segunda vista; Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da segunda vista.

Capítulo IX – Intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo..... 347

Penetração dos Espíritos em nossos pensamentos; Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos; Possessos; Convulsionários; Afeição dos Espíritos por certas pessoas; Anjos da guarda, Espíritos protetores, familiares ou simpáticos; Pressentimentos; Influência dos





Espíritos nos acontecimentos da vida; Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da natureza; Os Espíritos durante os combates; Pactos; Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros; Bênção e maldição.

Capítulo X – Ocupações e missões dos Espíritos 395

Capítulo XI – Os três reinos..... 409

Os minerais e as plantas; Os animais e o homem; Metempsicose.

LIVRO TERCEIRO

Leis morais

Capítulo I – Lei divina ou natural 429

Características da lei natural; Origem e conhecimento da lei natural; O bem e o mal; Divisão da lei natural.

Capítulo II – I. Lei de adoração..... 443

Objetivo da adoração; Adoração exterior; Vida contemplativa; Prece; Politeísmo; Sacrifícios.

Capítulo III – II. Lei do trabalho 459

Necessidade do trabalho; Limite do trabalho. Repouso.

Capítulo IV – III. Lei de reprodução 465

População do globo; Sucessão e aperfeiçoamento das raças; Obstáculos à reprodução; Casamento e celibato; Poligamia.

Capítulo V – IV. Lei de conservação 473

Instinto de conservação; Meios de conservação; Gozo dos bens terrenos; Necessário e supérfluo; Privações voluntárias. Mortificações.





- Capítulo VI – V. Lei de destruição..... 485**
Destruição necessária e destruição abusiva;
Flagelos destruidores; Guerras; Assassínio;
Crueldade; Duelo; Pena de morte.
- Capítulo VII – VI. Lei de sociedade..... 501**
Necessidade da vida social; Vida de isolamento.
Voto de silêncio; Laços de família.
- Capítulo VIII – VII. Lei do progresso..... 505**
Estado de natureza; Marcha do progresso; Povos degenerados; Civilização; Progresso da legislação humana; Influência do Espiritismo no progresso.
- Capítulo IX – VIII. Lei de igualdade 523**
Igualdade natural; Desigualdade das aptidões;
Desigualdades sociais; Desigualdade das riquezas;
Provas da riqueza e da miséria; Igualdade dos direitos do homem e da mulher; Igualdade perante o túmulo.
- Capítulo X – IX. Lei de liberdade..... 533**
Liberdade natural; Escravidão; Liberdade de pensar; Liberdade de consciência; Livre-arbítrio; Fatalidade; Conhecimento do futuro; Resumo teórico do móvel das ações do homem.
- Capítulo XI – X. Lei de justiça, amor e caridade 561**
Justiça e direitos naturais; Direito de propriedade.
Roubo; Caridade e amor ao próximo; Amor materno e filial.
- Capítulo XII – Perfeição moral 573**
As virtudes e os vícios; Paixões; Egoísmo;
Características do homem de bem; Conhecimento de si mesmo.





LIVRO QUARTO

Esperanças e consolações

Capítulo I – Penas e gozos terrenos 597

Felicidade e infelicidade relativas; Perda dos entes queridos; Decepções. Ingratidão. Afeições destruídas; Uniões antipáticas; Temor da morte; Desgosto da vida. Suicídio.

Capítulo II – Penas e gozos futuros 623

O nada. Vida futura; Intuição das penas e gozos futuros; Intervenção de Deus nas penas e recompensas; Natureza das penas e gozos futuros; Penas temporais; Expição e arrependimento; Duração das penas futuras; Ressurreição da carne; Paraíso, inferno, purgatório. Paraíso perdido. Pecado original.

Conclusão 669

Errata 693

Nota explicativa 695

Índice geral 703



APRESENTAÇÃO

Com base nos originais franceses existentes na Biblioteca de Obras Raras da Federação Espírita Brasileira, e fruto de dedicado trabalho de pesquisa e de tradução do nosso companheiro de ideal, Evandro Noleto Bezerra, esta *edição especial* de *O livro dos espíritos*, publicada pela FEB, foi traduzida a partir da segunda impressão da 2ª edição francesa, de 1860 (arquivada e registrada na Biblioteca Nacional da França — BNF nº R-39908) — *texto básico* — com alguns acréscimos, supressões e modificações feitos por Allan Kardec: na 4ª edição, de 1861; na 5ª edição, de 1861 (BNF nº R-39909); na 6ª edição, de 1862; na 10ª edição, de 1863 (BNF nº R-39912); e na 12ª edição, de 1864. Essas alterações acham-se claramente definidas e explicadas pelo tradutor ao longo das páginas correspondentes deste livro, sob a forma de notas de rodapé. Na sequência da 12ª edição do original francês, incluindo a 13ª, de 1865 (BNF nº R-39914), e durante todo o restante período em que Allan Kardec esteve encarnado, não consta ter havido qualquer outra modificação, o que torna definitiva essa 12ª edição.

Procurando reunir os registros históricos relacionados com as publicações originais de *O livro*

dos espíritos a partir da segunda impressão da sua 2ª edição e, assim, atendendo aos naturais interesses dos leitores empenhados nos estudos cada vez mais aprofundados da Doutrina Espírita, estão sendo incluídos nesta edição especial:

a) O **Aviso** introdutório, em que Allan Kardec faz uma apreciação da obra, destacando as diferenças entre a 1ª e a 2ª edição do livro, sobretudo o aumento considerável do número de questões de 501 para 1.019, *Aviso esse* que não tem sido incluído em edições brasileiras e francesas, apesar de ter sido mantido em todas as edições publicadas por Kardec quando encarnado;

b) A **Nota** explicativa que se segue aos *Prolegômenos*, por meio da qual Allan Kardec informa que o livro só foi publicado depois de ter sido cuidadosamente revisto e corrigido pelos próprios Espíritos, até mesmo as observações e comentários que foram aditados ao texto pelo Codificador, *Nota* essa que deixou de ser publicada a partir da 10ª edição francesa, de 1863;

c) A **Errata** que se encontra na última página do livro, *Errata* que só apareceu na 5ª edição francesa, de 1861, não tendo sido incorporada ao texto do livro nas edições posteriores, salvo a supressão da expressão “e intuitiva”, na resposta à questão 586, constatada a partir da 10ª edição francesa, de 1863.

A primeira edição especial desta obra foi publicada pela Federação Espírita Brasileira como parte



Apresentação

das comemorações pelo transcurso, em 18 de abril de 2007, do Sesquicentenário do lançamento de *O livro dos espíritos*, cuja primeira edição ocorreu em 18 de abril de 1857, em Paris, França.

Na oportunidade daquelas comemorações, manifestamos, também, a nossa sincera e profunda gratidão aos Espíritos superiores que coordenaram e realizaram a nobre tarefa de trazer para a humanidade a Doutrina Espírita, gratidão que se estendeu, naturalmente, ao Espírito iluminado que a codificou, cujo papel principal foi o de materializar, na Terra, o Consolador Prometido por Jesus Cristo, lançando “as bases do novo edifício que se eleva e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade”,¹ “abrindo uma Nova Era para a regeneração da humanidade”.²

A EDITORA



¹ N.E.: Kardec, Allan. *O livro dos espíritos. Prolegômenos*.

² N.E.: Idem, *ibidem*.



AVISO SOBRE ESTA NOVA EDIÇÃO³

Na primeira edição desta obra havíamos anunciado uma parte suplementar. Deveria constituir-se de todas as questões que não encontraram lugar naquela edição, ou que circunstâncias ulteriores e novos estudos tivessem ocasionado. Como, porém, são todas relativas a uma ou outra das partes já tratadas, das quais são o desdobramento, sua publicação isolada não teria apresentado nenhuma sequência. Preferimos esperar a reimpressão do livro para fundir tudo conjuntamente, aproveitando para conferir à distribuição das matérias uma ordem muito mais metódica e suprimindo, ao mesmo tempo, tudo quanto estava repetido.

Esta reimpressão pode, pois, ser considerada obra nova, embora os princípios não hajam sofrido nenhuma alteração, salvo pequeníssimo número de exceções, que são antes complementos e esclarecimentos do que verdadeiras modificações. Esta conformidade nos princípios emitidos, a despeito da diversidade

³ N.T.: Para realçar a diferença existente entre a 1ª edição (1857) e a 2ª edição (1860) de *O livro dos espíritos*, Allan Kardec elaborou este *Aviso* elucidativo, excluído até agora de todas as traduções brasileiras.



Aviso

das fontes em que os recolhemos, é um fato importante para o estabelecimento da ciência espírita. Nossa correspondência nos mostra claramente que comunicações idênticas em todos os pontos, se não quanto à forma, ao menos quanto ao fundo, foram obtidas em diferentes localidades, e isso mesmo antes da publicação do nosso livro, o qual veio confirmá-las e dar-lhes um corpo regular. A História, por sua vez, comprova que a maioria desses princípios foi professada pelos mais eminentes homens dos tempos antigos e modernos, trazendo a eles, desse modo, a sua sanção.

O ensino relativo às manifestações propriamente ditas, e aos médiuns, forma, de certo modo, uma parte distinta da filosofia, podendo ser objeto de um estudo especial. Havendo tal parte recebido desenvolvimentos bastante consideráveis em consequência da experiência adquirida, julgamos por bem fazer dele um volume distinto, o qual contém as respostas *dadas a todas as questões relativas às manifestações e aos médiuns*, bem como numerosos comentários sobre o *Espiritismo prático*. Essa obra será a continuação ou o complemento de *O livro dos espíritos*.^{4, 5}

⁴ Nota de Allan Kardec: No prelo.


⁵ N.T.: Allan Kardec se refere à futura publicação de *O livro dos médiuns* (1861).






INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA DOCTRINA ESPÍRITA

I



Para coisas novas precisamos de palavras novas; assim o exige a clareza da linguagem, para evitarmos a confusão inerente ao sentido múltiplo dos mesmos termos. As palavras *espiritual*, *espiritualista*, *espiritualismo* têm acepção bem definida; dar-lhes uma nova, para aplicá-las à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas, já tão numerosas, de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo; quem quer que acredite ter em si alguma coisa além da matéria é espiritualista, mas não se segue daí que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em lugar das palavras *espiritual*, *espiritualismo*, empregaremos, para designar esta última crença, as palavras *espírita* e *espiritismo*, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, reservando ao vocábulo *espiritualismo* a sua acepção própria. Diremos, pois, que a Doutrina *Espírita* ou o *Espiritismo* tem por princípio as relações do mundo material





Introdução

com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas* ou, se quiserem, os *espíritistas*.

Como especialidade, *O livro dos espíritos* contém a Doutrina *Espírita*; como generalidade, prende-se à doutrina *espiritualista*, da qual apresenta uma das fases. Tal a razão por que traz no cabeçalho de seu título as palavras: *Filosofia Espiritualista*.

II

Há outra palavra sobre a qual importa igualmente que todos se entendam, porque é uma das pedras angulares de toda doutrina moral, e por ser objeto de inúmeras controvérsias, por falta de uma aceção bem determinada: a palavra *alma*. A divergência de opiniões sobre a natureza da alma provém da aplicação particular que cada um faz desse vocábulo. Uma língua perfeita, em que cada ideia tivesse sua representação por um termo próprio, evitaria muitas discussões; com uma palavra para cada coisa, todos se entenderiam.

Segundo uns, a alma é o princípio da vida material orgânica, não tem existência própria e cessa com a vida: é o materialismo puro. Neste sentido e por comparação, dizem de um instrumento rachado, que não produz mais som, que ele não tem alma. Conforme essa opinião, a alma seria um efeito e não uma causa.

Outros pensam que a alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve





Introdução

uma porção. Segundo esses, não haveria em todo o universo senão uma só alma a distribuir centelhas entre os diversos seres inteligentes durante a vida destes; após a morte, cada centelha retorna à fonte comum, confundindo-se com o todo, como os regatos e os rios voltam ao mar, de onde saíram. Essa opinião difere da precedente em que, nesta hipótese, há em nós algo mais que a matéria, restando alguma coisa após a morte, mas é quase como se nada restasse, visto que, não tendo mais individualidade, não mais teríamos consciência de nós mesmos. Dentro desta opinião, a alma universal seria Deus, e cada ser uma porção da Divindade; é uma variedade do *panteísmo*.

Segundo outros, enfim, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte. Esta aceção é, sem contestação, a mais geral, porque, sob um nome ou outro, a ideia desse ser que sobrevive ao corpo se encontra em estado de crença instintiva, e independentemente de qualquer ensinamento, entre todos os povos, seja qual for o seu grau de civilização. Essa doutrina, segundo a qual a alma é *causa e não efeito*, é a dos *espiritualistas*.

Sem discutir o mérito dessas opiniões e considerando apenas o lado linguístico da questão, diremos que estas três aplicações da palavra *alma* constituem três ideias distintas, que reclamariam cada uma um termo diferente. Essa palavra tem, pois, tríplice aceção, e cada um tem razão, do seu ponto de vista,





Introdução

na definição que lhe dá; o mal decorre do fato de a língua não dispor senão de uma palavra para exprimir três ideias. A fim de evitar todo equívoco, seria necessário restringir-se a aceção da palavra *alma* a uma dessas três ideias; a escolha é indiferente, desde que todos se entendam, pois tudo isto é uma questão de convenção. Julgamos mais lógico tomá-la na sua aceção mais comum; por isso chamamos *alma ao ser imaterial e individual que reside em nós e sobrevive ao corpo*. Mesmo que esse ser não existisse e não passasse de um produto da imaginação, ainda assim seria preciso um termo para designá-lo.

Na falta de um vocábulo especial para cada uma das outras ideias a que corresponde a palavra *alma*, denominamos:

Princípio vital, o princípio da vida material e orgânica, seja qual for a sua fonte, e que é comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. O princípio vital é coisa distinta e independente, já que pode haver vida com abstração da faculdade de pensar. A palavra *vitalidade* não expressaria a mesma ideia. Para alguns, o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz quando a matéria se acha em certas circunstâncias. Segundo outros, e esta é a ideia mais comum, ele reside num fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parte durante a vida, como vemos os corpos inertes absorverem a luz. Esse seria, então, o *fluido vital* que, na opinião





Introdução

de alguns, não seria outro que o fluido elétrico animalizado, também designado por *fluido magnético*, *fluido nervoso* etc.

Seja como for, há um fato que não se poderia contestar, pois que resulta da observação: é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que produz o fenômeno da vida, enquanto essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e que ela independe da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; finalmente, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento há uma dotada de um senso moral especial que lhe dá incontestável superioridade sobre as outras: a espécie humana.

Concebe-se que, com uma acepção múltipla do termo alma, a alma não exclui o materialismo, nem o panteísmo. O próprio espiritualista pode muito bem entender a alma segundo uma ou outra das duas primeiras definições, sem prejuízo do ser imaterial distinto, a que então dará um nome qualquer. Assim, essa palavra não representa uma opinião: é um proteu⁶ que cada um ajeita a seu bel-prazer. Daí tantas disputas intermináveis.

Evitar-se-ia igualmente a confusão, mesmo se servindo da palavra *alma* nos três casos, desde que se lhe ajuntasse um qualificativo especificando o ponto

⁶ N.E.: Na mitologia grega, deus marinho que podia assumir diferentes formas; por extensão de sentido, indivíduo que muda facilmente de opinião.





Introdução

de vista sob o qual a encaramos ou a aplicação que dela se faz. Esta teria, então, um termo genérico, que representaria ao mesmo tempo o princípio da vida material, da inteligência e do senso moral, que se distinguiriam por um atributo, como os *gases*, por exemplo, que se distinguem ajuntando-se-lhes as palavras *hidrogênio*, *oxigênio* ou *azoto*. Poder-se-ia, assim, dizer (e talvez fosse o melhor), a *alma vital*, indicando o princípio da vida material, a *alma intelectual*, o princípio da inteligência, e a *alma espírita*, o da nossa individualidade após a morte. Como se vê, tudo isto é uma questão de palavras, mas questão muito importante para nos entendermos. De acordo com isso, a *alma vital* seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a *alma intelectual* seria própria dos animais e dos homens, e a *alma espírita* pertenceria somente ao homem.

Julgamos dever insistir nestas explicações pela razão de que a Doutrina Espírita repousa naturalmente sobre a existência, em nós, de um ser independente da matéria e que sobrevive ao corpo. Devendo a palavra *alma* repetir-se frequentemente no curso desta obra, importava ser fixada no sentido que lhe atribuímos, a fim de evitarmos todo engano.

Passemos, agora, ao objeto principal desta instrução preliminar.

III

A Doutrina Espírita, como tudo que constitui novidade, tem seus adeptos e contraditores. Vamos

